

VÔLEI E VÔLEI SENTADO

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 4



**PATRÍCIA VIGÁRIO, BIANCA GAMA PENA, SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES,
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA E JOÃO MARCELO CORTAT**



PATROCÍNIO



Secretaria de
Ciência, Tecnologia
e Inovação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

ORGANIZAÇÃO



APOIO



UFRJ



Programa de Pós-graduação
em **Desenvolvimento Local**
(Mestrado e Doutorado)



VÔLEI E VÔLEI SENTADO

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 4

**PATRÍCIA VIGÁRIO,
BIANCA GAMA,
SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES,
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA,
JOÃO MARCELO CORTAT**

Rio de Janeiro, agosto de 2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vôlei e vôlei sentado [livro eletrônico] /
Patrícia Vigário ... [et al.]. --
Rio de Janeiro : Gama Assessoria Empresarial,
2021. --
(Esporte, inclusão e sustentabilidade ; 1)
PDF.

Outros autores : Bianca Gama, Silvio de Cassio
Costa Telles, Anna Carolina Carvalho de Souza, João
Marcelo Cortat.

ISBN 978-65-995711-2-1

1. Esportes 2. Inclusão 3. Sustentabilidade
4. Voleibol I. Vigário, Patrícia. II. Gama, Bianca.
III. Souza, Anna Carolina Carvalho de. IV. Cortat,
João Marcelo. V. Série.

21-84489

CDD-796.325

Índices para catálogo sistemático:

1. Voleibol : Esporte 796.325

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Miragaya (UNESA)

Felipe da Silva Triani (FAETEC- RJ/ UNESA)

Gabriela Conceição de Souza (IFRJ)

Lamartine Da Costa (UERJ)

Luís Carlos Lira (UFJF)

Marinilza Bruno de Carvalho (UERJ)

Rodrigo Vilela Elias (SME-RJ/FACHA)

REVISÃO

Victoria Barros Moura

ILUSTRADOR

Moisés David de Moura Estevão Furtado

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Evlen Lauer

O material também se apresenta como audiolivro e
contempla audiodescrição para acessibilidade de pessoas
com deficiência visual (cegueira e baixa visão).

[CLIQUE AQUI PARA ACESSAR O AUDIOLIVRO](#)

APRESENTAÇÃO

A Agenda 2030 é um compromisso de cooperação coletiva, pactuado entre 193 países, incluindo o Brasil, que integram a Organização das Nações Unidas (ONU) e objetivam o desenvolvimento sustentável, acreditando que, para esse fim, precisamos encarar o extermínio da pobreza e da fome como um desafio global; além disso, busca promover o fortalecimento da paz universal, da inclusão e da justiça social.

Ademais, a Agenda 2030 conta com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que visam, dentre outros itens, promover educação de qualidade, saúde e bem-estar social, igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas, redução das desigualdades, consumo e produção responsáveis, como incentivam os ODS 3, 4, 5, 10 e 12.

É alinhado com os ODS que a coleção “Esporte, inclusão e sustentabilidade” do eMuseu do Esporte busca apresentar esportes olímpicos e paralímpicos, entendendo o esporte como uma ferramenta, não como a única ou principal, mas como possibilidade de discussão sobre temas sociais de conscientização.

Os megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos geram grande impacto social; sendo assim, o esporte apresenta importante intervenção, especialmente, na vida de crianças e jovens. São nesses eventos que nações se mobilizam para assistir atletas realizando feitos impressionantes, ultrapassando limites do corpo e da mente humana e causando comoção, promovendo tanto competições como união entre pessoas, de forma peculiar.

É entendendo o esporte como um espaço em que as pessoas interagem, desfrutam de conquistas e aprendem a lidar com as derrotas, que a coleção eMuseu se debruça sobre as noções de inclusão e sustentabilidade para ressaltar temas urgentes e necessários, que propiciarão reflexões sobre esse fenômeno social que atrai a atenção mundial.

A coleção apresenta atividades de fácil execução com materiais que podem ser adquiridos facilmente, por serem reutilizados ou de baixo custo. As propostas são escritas de forma objetiva, visando ser mais compreensíveis, sem o intuito de se apresentar como um manual replicável; na verdade, o objetivo é que as propostas sofram adaptações e ressignificações pelos leitores.

A possibilidade de utilizar materiais reciclados como forma de aprendizagem de modalidade esportiva pode incentivar ensinamentos importantes como o descarte adequado do lixo, reciclagem, redução da geração de resíduo, consciência social, ambiental e econômica, os mesmos presentes nos ODS. No entanto, é importante ressaltar que o uso de materiais didáticos, fundamentais para o ensino de práticas corporais especificamente nas aulas de Educação Física, não devem ser substituídos por materiais reciclados e de baixo custo, sob a justificativa de sustentabilidade, camuflando a falta de investimento no ensino, romantizando a criatividade docente frente à precariedade que seu ambiente de trabalho impõe.

Em cada volume da coleção o leitor pode encontrar informações sobre esportes olímpicos e paralímpicos, histórico, memórias, regras, linha do tempo com datas marcantes, biografia de atletas representativos que deixaram seu legado com feitos inesquecíveis, associação da temática esportiva com lutas sociais e pensamentos progressistas. Entendendo, assim, mais sobre a origem e desenvolvimento da modalidade esportiva e sobre quais atitudes podem ser motivadas durante o seu aprendizado.

Dentre os benefícios de determinadas práticas esportivas podemos destacar o fato de que elas promovem o senso de coletividade e auxiliam na socialização, como acontece no vôlei de quadra; um esporte que nos anos de 1980 passou a ser muito praticado no Brasil, não apenas pelo alto rendimento. Além disso, os benefícios ao conhecer mais sobre o vôlei sentado, que é uma modalidade paralímpica, seriam a capacidade de promover reflexões sobre a inclusão e a valorização das pessoas com deficiência.

O vôlei é um dentre tantos outros elementos da cultura corporal, que é vasta e contempla os jogos, esportes, danças, lutas, capoeira e outros, e, como tal, deve ser vivenciado e compreendido em prol da autonomia, para que os praticantes tenham condições de transformar e desfrutar dessa prática apreciando-a criticamente, em benefício da saúde, do bem-estar, do lazer, como meio de comunicação e expressão e, também, se desejar, buscar participar do alto rendimento.

Sendo assim, a coleção se propõe, além de promover o debate sobre inclusão e sustentabilidade, (a) Apresentar determinados esportes que compõem os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, incluindo memórias, história, conceitos, regras e biografia de atletas representativos; (b) Apresentar possibilidade de atividades lúdicas relacionadas aos esportes que possam ser realizadas com uso de

materiais recicláveis e/ou de baixo custo; (c) Incentivar o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais; (d) Estimular a consciência ambiental, social e econômica por meio do incentivo à reciclagem e à reutilização de materiais e (e) Explorar as identidades plurais que constituem a sociedade.

Além da descrição da forma de execução, existem vídeos explicativos com o passo-a-passo para a criação dos artefatos representativos de equipamentos próprios de cada modalidade. A coletânea está organizada em seis volumes abordando os seguintes esportes:

- (1) Atletismo – provas de arremesso de peso, lançamento de disco, lançamento de dardo e lançamento de club
- (2) Esgrima e esgrima em cadeira de rodas
- (3) Basquete e basquete em cadeira de rodas
- (4) Vôlei e vôlei sentado
- (5) Esportes de raquete – tênis de mesa, tênis, tênis em cadeira de rodas e badminton e parabadminton.
- (6) Futebol e futebol de cinco

Que esses escritos incentivem a sensibilidade para com os processos inclusivos, críticos e reflexivos do esporte e das questões sociais. Mais que certezas, que elas gerem dúvidas e promovam a curiosidade para a constante busca do conhecimento. Que a leitura seja útil e proveitosa.

OS AUTORES

SUMÁRIO

7	1 O VÔLEI: CONCEITOS E UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA
8	1.1 Regras
9	1.2 Quadra
10	1.3 O Vôlei no Brasil
11	1.4 O vôlei nos Jogos Paralímpicos
12	1.5 Marcos Históricos
15	2 PERSONALIDADES BRASILEIRAS DO VÔLEI
15	2.1 Gilberto Amauri Godoy Filho
15	2.2 Sheilla Tavares de Castro Blassioli
16	2.3 Hélia Rogério de Souza
16	2.4 Gilberto Lourenço da Silva
17	2.5 Giovane Farinazzo Gávio
17	2.6 Bernard Rajzman
18	3. O VÔLEI COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL
20	3.1 O esporte enquanto ferramenta inclusiva de indivíduos refugiados
27	4. ENSINANDO A MONTAR: ATIVIDADES BASQUETE UTILIZANDO MATERIAIS RECICLÁVEIS, REUTILIZÁVEIS E DE BAIXO CUSTO
22	4.1 A rede e a bola do vôlei
26	4.2 Atividades
28	BIBLIOGRAFIA

1 O Vôlei: conceitos e um breve passeio pela história

O vôlei de quadra é um jogo coletivo que é dividido em duas equipes, com seis jogadores de cada lado. O objetivo do jogo é passar a bola por cima da rede fazendo com que ela toque o chão da quadra adversária, evitando, ao mesmo tempo, que o adversário faça o mesmo. Os fundamentos básicos do vôlei são: o saque, a recepção, o levantamento, o ataque e o bloqueio. As jogadas se iniciam com os saques. O jogador que lança a bola é o sacador, ele precisa jogar a bola por cima da rede e na área da quadra da equipe adversária.

Esse esporte foi criado em 1895 por William George Morgan, que foi diretor de Educação Física na Associação Cristã de Moços (ACM) em Massachusetts, Estados Unidos. Nesse período, o esporte popular era o basquete, mas os praticantes reclamavam do jogo ser exaustivo e exigir muito esforço. Então, em busca de um jogo que atendesse essas pessoas, e que fosse mais praticável pelos idosos, por solicitação do pastor Lawrence Rinder, o professor William Morgan criou o minnonette, que inicialmente objetivava ser uma atividade recreativa para os trabalhadores da ACM. O criador do esporte procurou unir elementos do tênis com outros do basquete, que então sofreu várias modificações nas regras até atingir a forma atual de jogar.

Foi o professor Alfred T. Halstead quem propôs que o nome “Minnetonette” fosse substituído por “Volley Ball”, pois se atentou a ação, a fase de voo da bola, o voleio, no caso, uma jogada feita no ar. A ideia foi acatada por Morgan e pela conferência organizada na faculdade da ACM.

Em 1897 foram apresentadas as primeiras regras, que foram incluídas no manual oficial da primeira Liga Atlética Norte-Americana da ACM e permitiam que o jogo fosse praticado ao ar livre, como parques, e em locais fechados, como em quadras. No período de criação

não existia limite de pessoas em quadra, mas já possuía o objetivo de manter a bola em movimento sobre uma rede de um lado para outro da quadra.

O esporte foi ganhando uma difusão mundial, passando a ser adotado em vários clubes no Canadá, Estados Unidos e muitos outros países, com forte adesão na Ásia, seguindo as regras “Brown” que, entre outros itens, definia dezesseis jogadores (para possibilitar que mais jogadores participassem).

A primeira aparição do vôlei em Jogos Olímpicos ocorreu em 1924, como evento de apresentação. Já sua inserção oficial ocorreu em 1964 tanto no feminino quanto no masculino. A seleção japonesa de vôlei feminino foi campeã na primeira edição dos Jogos Olímpicos.

REGRAS

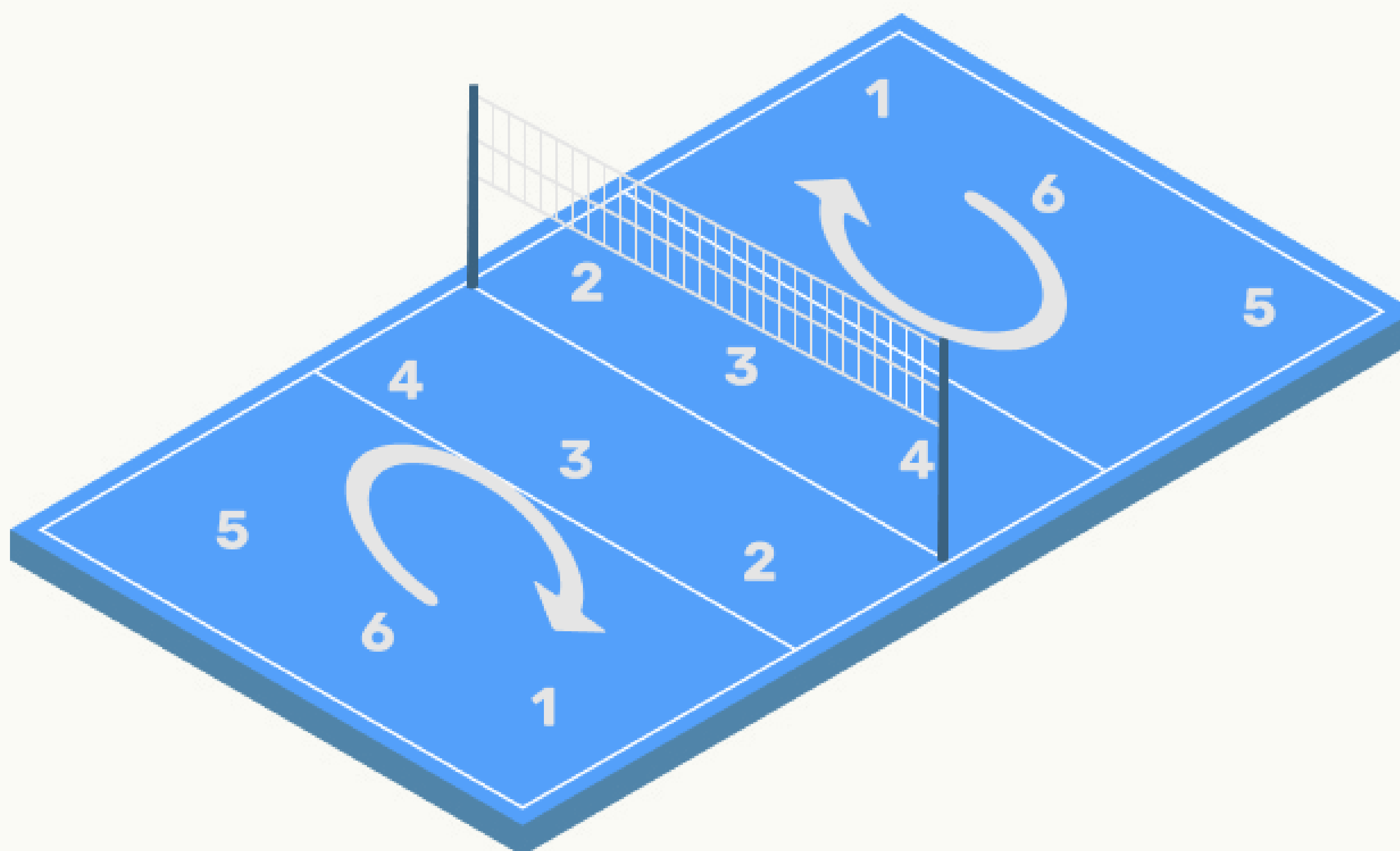
Algumas situações de jogo podem resultar em faltas, como quando um jogador dá dois toques seguidos na bola, ou quando o número de toques excede três entre os participantes, ou quando o jogador se apoiar em outro da própria equipe, ou se a equipe não fizer o rodízio correto.

Uma partida é composta por 5 sets, sem tempo pré-determinado, em que cada set possui um número máximo de 25 pontos. Com diferença mínima de 2 pontos, ganha o jogo a equipe que fizer os primeiros três sets. Em caso de empate, a partida continua até a diferença de 2 pontos ser alcançada; por exemplo, a final mostra um placar de 24x24, para que haja o desempate, é necessário que cheguem a 24x26, 26x28 etc.

Cada equipe possui 6 participantes em quadra e 6 substitutos. Um time começa a partida sacando, e o adversário pode dar no máximo três toques entre os praticantes, sem que a bola toque mais de uma vez o mesmo jogador antes de devolvê-la.

As posições no vôlei apresentam uma ordem de rotação, como representado na figura 1. São 3 jogadores próximos da rede e outros 3 mais próximos da linha de fundo. O rodízio no vôlei acontece toda vez que uma equipe marca um ponto após o saque da equipe adversária. Se o ponto for marcado após um saque da própria equipe, as posições são mantidas.

Figura 1: Representação do rodízio no vôlei



Fonte: os autores

Sendo assim, o rodízio deve ser respeitado, caso contrário o time estará cometendo faltas. Como quando o jogador que deveria executar o saque não é o que ocupa a posição 1, pois ao ganhar o direito de sacar, os participantes irão avançar uma posição no sentido horário (como demonstra a imagem acima). O jogador que ocupava a posição 2 irá avançar para posição 1 e, obrigatoriamente, será o responsável pelo saque.

O líbero é um jogador especialista em defesa, cuja presença tem como objetivo deixar a bola ficar mais tempo em jogo, o líbero possui algumas distinções em relação aos outros jogadores, como: a possibilidade de substituir e ser substituído ilimitadamente, de defender e levantar, além disso, ele é proibido de atacar, bloquear e sacar.

QUADRA

A quadra de jogo é um retângulo medindo 18 metros x 9 metros e em volta dela existe a zona livre. A zona de saque é uma área de 9 metros de largura, localizada após cada linha de fundo. A rede fica posicionada verticalmente na linha central, sua altura alcança a marca superior de 2,43 metros do solo para o esporte masculino e de 2,24 metros para o feminino.

VÔLEI NO BRASIL

Existem duas versões sobre a história da estreia do vôlei no Brasil. Uma delas é que em 1915 o vôlei foi jogado pela primeira vez no Colégio Marista de Pernambuco, enquanto a outra versão reconhece que foi em 1916 que o esporte chegou ao Brasil na Associação de Cristãos e Moços de São Paulo.

A primeira iniciativa para difusão do vôlei no Brasil aconteceu em 1923, com seu primeiro torneio promovido pelo Fluminense. Ainda assim, demorou uns anos, até meados de 1960, para que o esporte fosse mais praticado no país, principalmente pelos homens que rejeitavam a prática por considerar o esporte afeminado. Já pelas mulheres a execução da modalidade era incentivada por ser um esporte sem contato físico e, por isso, considerado pouco violento. Nos anos 1970 ganhou um pouco mais de popularidade, quando a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) criou o primeiro Mundial Juvenil em 1977, resultando em um 3º lugar para a equipe masculina e 4º para a feminina.

A seleção brasileira de vôlei feminino foi formada em 1951, tendo estreado no Campeonato Sul-Americano, que ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil, daquele ano, e conquistado a medalha de ouro. Ficavam normalmente entre o 6º e 8º lugares nos campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. Os resultados mais expressivos da época foram: 5º lugar no Campeonato mundial de 1986 e 6º e 4º lugares nos Jogos Olímpicos de Seul e Barcelona.

A Geração de Prata marcou a história do vôlei brasileiro masculino nos anos de 1980. Foi quando o Brasil passou a ter resultados importantes, como a conquista do título nos Jogos Pan-Americanos que ocorreram em 1983 e a conquista da medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984. Foi a junção desses resultados com melhora no marketing e na formação de base que o nível do vôlei nacional passou a ficar mais elevado. Foi também nessa década que houve o grande desafio de vôlei no Maracanã entre o Brasil e a Rússia, que era considerada a melhor seleção do mundo. Foi um evento histórico que contribuiu para a difusão do esporte pelo Brasil, considerado número de espectadores recorde para uma partida de jogo olímpico a céu aberto, depois do futebol.

O resultado positivo da seleção brasileira de vôlei da década de 1980 era consequência de uma equipe competente e conhecimento científico atualizado. O time tinha como técnico o Bebeto de Freitas

e era composto pelos jogadores: William (Capitão), Badá, Bernard, Amauri, Bernardinho, Fernandão, Domingos Maracanã, Montanaro, Vinícius, Xandó, Renan Dal Zotto, Rui Campos do Nascimento.

A década de 1990 ficou marcada pelo primeiro ouro olímpico da seleção brasileira de vôlei masculino, resultado obtido nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, dando a fama de “geração de ouro” para a seleção daquele período. José Roberto Guimarães, o então técnico da seleção masculina, apostou em um estilo de jogo que promoveu o time e passou a exportar jogadores para todo o mundo.

O vôlei feminino passou a ter reconhecimento internacional na década de 1990, mais especificamente, com o reconhecido talento da seleção que contava com as atletas Hélia Rogério (Fofão), Virna Dias, Ana Moser, Fernanda Venturini, Ana Paula, Márcia Fu, Hilma Caldeira e Leila Barros e o técnico Bernardinho, que assumiu a seleção em 1994. Nesse ano, a seleção venceu o vice-campeonato no mundial realizado no Brasil, conquistou a medalha de ouro no Grand Prix e em 1995 a de prata na Copa do Mundo. Entre derrotas e vitórias ao longo dos anos, em 2008 conquistou sua primeira medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim, levando a consagração do vôlei feminino brasileiro.

O VÔLEI NOS JOGOS PARALÍMPICOS

- Praticado sentado no chão;
- Deficiência física e de locomoção;
- Equipes masculina e feminina, com seis atletas em quadra;
- Quadra menor que a do vôlei olímpico, com as dimensões: 10m x 6m;
- Altura da rede: a 1,15m do chão em competições masculinas e a 1,05m do chão em competições femininas;
- Regras semelhantes às do vôlei olímpico, com 5 sets sem tempo definido. Cada set possui 25 pontos, exceto o Tie-Break (desempate) que possui 15 pontos. Vence a partida a equipe que ganhar 3 sets. A única diferença é que o saque pode ser bloqueado;

- O atleta não pode perder o contato dos glúteos com o chão durante o saque, bloqueio e ataque, salvo exceções durante a defesa. Essa infração é denominada “lifting”;
- Classificação funcional: os atletas podem ser divididos em duas classes de acordo com a sua funcionalidade e consequente repercussão nas funções em quadra. São elas: VS1, que compreende os atletas com menor funcionalidade e VS2, que compreende os atletas com maior funcionalidade.

MARCOS HISTÓRICOS

1947

Oficialização da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), que é a instituição que coordena as atividades do vôlei a nível internacional

1954

Fundação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV)

1956

Criação do voleibol sentado, na Holanda.

1964

Tóquio, Japão: Inclusão oficial do vôlei nos Jogos Olímpicos

1979

Primeiro torneio internacional oficial de vôlei sentado, reconhecido pela Organização Mundial de Esportes para Deficientes.

1980

Arnhem, Holanda: Inclusão do vôlei sentado nos Jogos Paralímpicos.

1983

Rio de Janeiro, Brasil: Grande desafio de vôlei entre as equipes brasileira e russa, sendo considerado pela FIVB uma das mais importantes partidas de vôlei da história. O evento ocorreu no estádio do Maracanã e é considerado um pontapé para difusão do esporte pelo Brasil

1984

Los Angeles, Estados Unidos: Seleção Brasileira masculina conquista a primeira medalha (prata) em Jogos Olímpicos.

1992

Barcelona, Espanha: Seleção Brasileira masculina conquista a primeira medalha de ouro em Jogos Olímpicos.

1996

Atlanta, Estados Unidos: Seleção Brasileira feminina conquista a primeira medalha (bronze) em Jogos Olímpicos.

2004

Atenas, Grécia: sob o comando do treinador Bernardinho, a Seleção Brasileira masculina conquista a segunda medalha de ouro em Jogos Olímpicos.

2008

Pequim, China: Seleção Brasileira feminina conquista a primeira medalha de ouro em Jogos Olímpicos.

2008

Pequim, China: Primeira participação da Seleção Brasileira masculina de vôlei sentado em Jogos Paralímpicos. Colocação: 6º lugar.

2012

Londres, Inglaterra: Seleção Brasileira feminina conquista a segunda medalha de ouro em Jogos Olímpicos.

**2012**

Londres, Inglaterra: Primeira participação da Seleção Brasileira feminina de vôlei sentado em Jogos Paralímpicos. Colocação: 5º lugar.

2016

Rio de Janeiro, Brasil: Seleção Brasileira masculina conquista a terceira medalha de ouro em Jogos Olímpicos.

2016

Rio de Janeiro, Brasil: Seleção Brasileira feminina de vôlei sentado conquista a primeira medalha (bronze) em Jogos Paralímpicos.

2 Personalidades brasileiras do vôlei

2.1 GILBERTO AMAURI GODOY FILHO (GIBA)

Giba, como ficou conhecido o atleta Gilberto Filho, nascido no Paraná, em 1976, obteve três vezes o pódio em Jogos Olímpicos, conquistando ouro em Atenas 2004, prata em Pequim em 2008 e prata em Londres 2012. Entre outros resultados positivos, conquistou também três campeonatos mundiais, duas Copas do Mundo e três Copas dos Campeões, oito Ligas Mundiais, oito Sul-Americanos e um Pan-Americano.

Aos seis anos de idade foi diagnosticado com leucemia e logo cedo superou seu primeiro obstáculo, tendo a cura em menos de um ano, pois estava em estágio inicial da doença. Além disso, sofreu um acidente ao cair de uma árvore e precisou ficar afastado do esporte por um período.

Embora tenha passado por momentos delicados na vida, o atleta se superou inúmeras vezes, tendo conquistado os prêmios de melhor atleta de Atenas 2004, do Campeonato Mundial de 2006, da Liga Mundial em 2006 e da Copa do Mundo em 2007.



Comitê Olímpico Brasileiro

2.2 SHEILLA TAVARES DE CASTRO BLASSIOLI



Comitê Olímpico Brasileiro

Nasceu em Belo Horizonte em 1983. É uma das atletas de maior destaque da história do vôlei brasileiro, conquistou, junto com a equipe, 2 medalhas de ouro olímpicas, em Pequim 2008 e Londres 2012. É considerada por vários especialistas uma das jogadoras mais vitoriosas de vôlei de todos os tempos. Entre os resultados positivos, a atleta conquistou medalhas em campeonatos mundiais como as de prata no Japão em 2006 e em 2010 e bronze na Itália

em 2014. Recebeu prata na Copa do Mundo de 2007, no Japão, e prata na Liga das Nações em Rimini no ano de 2021.

2.3 HÉLIA ROGÉRIO DE SOUZA (FOFÃO)

Fofão, como ficou conhecida Hélia de Souza, nasceu em São Paulo, em 1970 e foi atleta de vôlei brasileiro em que atuava como levantadora, a atleta é considerada a melhor do mundo na posição, pois conquistou inúmeros prêmios individuais.

Participou de cinco edições consecutivas dos Jogos Olímpicos e estreou em Barcelona em 1992. Em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim integrou a equipe que conquistou o primeiro ouro olímpico brasileiro, resultado que marcou sua trajetória. Foi também medalhista de bronze em Atlanta, 1996 e Sydney, 2000, sendo a única a realizar tal feito.



Comitê Olímpico Brasileiro

2.4 GILBERTO LOURENÇO DA SILVA



Arquivo pessoal

Gilberto da Silva, também conhecido como Giba, é morador de Carapicuíba, que é um município da Região Metropolitana de São Paulo, do bairro Ariston. Giba tem sua carreira marcada por uma trajetória de sucesso com a Seleção Brasileira: integrou a equipe que conquistou a primeira medalha de ouro em Jogos Parapanamericanos em 2007, no Rio de Janeiro, além de ter participado de três edições dos Jogos Paralímpicos: 2008, em Pequim; 2012, em Londres; e 2016, no Rio de Janeiro.

Em 2019 foi eleito o melhor atleta do ano pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, no Prêmio Paralímpicos. Conquistou nos Jogos Parapan-Americanos de 2019, na cidade de Lima, no Peru, o título que lhe abriu portas para estar nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. Sofreu um acidente, perdeu parte da perna direita num acidente de trem na travessia de pedestres da estação Antônio João, em 2003. Giba conheceu o vôlei sentado cerca de três anos após o acidente e não parou mais.

2.5 GIOVANE FARINAZZO GÁVIO

Comitê Olímpico Brasileiro



Giovane nasceu em Minas Gerais, em 1970. Chegou a jogar judô, mas escolheu o vôlei aos 13 anos, inspirado pela “Geração de Prata” e por assistir as partidas da irmã mais velha, Gisele. Estreou na seleção em 1988, sendo eleito o melhor jogador da Liga Mundial cinco anos depois. Passou também pelo vôlei de praia e conquistou o Circuito Nacional em 1998. Entre muitas outras conquistas, foi, junto com a seleção brasileira, campeão em duas edições dos Jogos Olímpicos,

conquistando medalha de ouro em Barcelona 1992 e Atenas 2004.

Em Copas do Mundo, recebeu ouro no Japão 2003 e Bronze em 1995 também no Japão. Além disso, o atleta foi tetracampeão da Liga Mundial. Foi eleito, também, Atleta do Ano do vôlei (Prêmio Brasil Olímpico-COB – 2003), melhor atacante do mundo (Copa do Mundo de 2003), melhor jogador do mundo (Liga Mundial de 1993), melhor bloqueador do mundo (Copa do Mundo de 1989). Em 2006, trocou a carreira de jogador pela de técnico e com a mesma capacidade e habilidade, conquistou títulos importantes como o Sul-Americano e a Superliga, entre outros.

2.6 BERNARD RAJZMAN

Comitê Olímpico Brasileiro



Bernard Rajzman nasceu em 1957 no Rio de Janeiro. É um dos atletas mais importantes do vôlei brasileiro, foi o criador do saque chamado “Jornadas nas Estrelas” que é uma jogada com efeito que dificulta a recepção do adversário. Aos 11 anos, tentou a carreira de jogador de basquete, mas foi mais bem-aceito no vôlei. Estreou na seleção brasileira aos 17 anos e foi destaque na Geração de Prata. Competiu em 3 Jogos Olímpicos: Montreal em 1976, Moscou em 1980 e Los Angeles, 1984. Ao encerrar a carreira de atleta, estreou na política. Atualmente integra o Comitê Olímpico Brasileiro. Foi o primeiro brasileiro indicado para o Hall da Fama do vôlei mundial em Massachusetts, nos EUA, no ano de 2005. Além disso, é membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) desde 2013.

em 1980 e Los Angeles, 1984. Ao encerrar a carreira de atleta, estreou na política. Atualmente integra o Comitê Olímpico Brasileiro. Foi o primeiro brasileiro indicado para o Hall da Fama do vôlei mundial em Massachusetts, nos EUA, no ano de 2005. Além disso, é membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) desde 2013.

3 Pensando em inclusão, o que importa é a participação!

O VÔLEI COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL

Como o vôlei pode ser um instrumento de inclusão social?

- Aceitando e valorizando as diferenças individuais;
- Convivendo dentro da diversidade humana;
- Aprendendo através da cooperação.

O esporte sozinho não daria conta de incluir as culturas, e identidades e povos marginalizados; ele pode atuar como uma ferramenta. Políticas públicas, costumes, culturas, comportamentos precisam ser modificados em prol da inclusão nos espaços esportivos. Mas o vôlei tem características particulares em relação aos outros esportes, pois ele possui essência cooperativa. Para que se complete uma jogada, por exemplo, é necessária a participação coletiva dos jogadores. Porém antes de pensarmos na inclusão, é importante refletir sobre as situações que geram exclusão.

Por ser um esporte coletivo, existem olhares de julgamentos com aqueles que não detém habilidade no jogo; além disso, há o medo de errar e ser criticado e, se a pessoa for tímida, dificilmente irá querer se enturmar. As pessoas recebem julgamentos de várias ordens, e o vôlei, enquanto esporte participação, pode se apresentar como um espaço inclusivo quando não está focado na busca pela técnica vinculada ao alto rendimento.

O importante é a participação e a diversão, quem vai ganhar, quando se está brincando, é o que menos importa. Os resultados disso podem ser inúmeros aprendizados e possibilidades de desenvolvimento, favorecendo a interdependência e a cooperação, evitando a exclusão de qualquer ordem, aceitando a participação independentemente de idade ou sexo. No vôlei ainda é possível a redução do contato físico em virtude do campo ser dividido pela rede, minimizando as chances de lesões muito características de esportes em que há mais contato.

Por ser um esporte coletivo, o vôlei apresenta a necessidade de trabalho em equipe, exigindo maior cooperação, quando praticado como lazer; o que é um pouco mais difícil quando se pratica no alto rendimento, pois a competição acaba tornando o esporte mais seletivo. A busca pelo esporte pode acontecer com a justificativa de fazer novas amizades e de se incluir em grupos, adquirindo benefícios sociais e individuais, como quando contribui para o ganho de autoestima, o ensino do trabalho em equipe, entre outras situações.

Para que a inclusão se efetive, é importante olhar para as diferenças e diversidades como uma vantagem social que promove ações colaborativas e solidárias. Mas, antes de alcançar a inclusão é preciso superar a exclusão.

Incluir é um processo que abrange muitas áreas que não podem ser ignoradas, é preciso buscar mudanças na sociedade para que qualquer pessoa possa alcançar pleno desenvolvimento. É diferente de integrar, que apenas insere os indivíduos com suas inúmeras diferenças nos ambientes sociais, sem que se ajustem os locais para que essas pessoas possam se desenvolver. Não faz sentido ensinar os mesmos conhecimentos para todas as pessoas como se elas fossem iguais e deixar os espaços sem modificações como se todos pudessem transitar sobre eles livremente sem barreiras. Adequações são necessárias!

A inclusão e o desenvolvimento da sociedade caminham juntos! Se uma pessoa possui um histórico de exclusão e rejeição e passa a ser incluída em um grupo que promove um sentimento confortável, seu desenvolvimento talvez aconteça por meio da melhora na autoestima e ganho da confiança. O vôlei pode proporcionar esse sentimento de acolhimento quando as individualidades são consideradas, já que é um esporte coletivo, capaz de promover e ajudar a manter relações de amizade.

Encarando-se como agente de mudança, as pessoas podem criticamente refletir sobre o contexto histórico, social, econômico e polí-

tico em busca de inclusão na sociedade, reconhecendo o esporte como um direito social, e não como um favor que venha diminuir o sofrimento das camadas populares. Visando ultrapassar o quadro de desigualdade imposto no país, é preciso superar o esporte enquanto exclusivo da elite, discriminatório, espetáculo em eventos passageiros e sem reflexões sociais. Para isso, é importante mudar as políticas públicas na área do esporte, buscando sempre ampliar o acesso das camadas populares, com o objetivo de tornar esse um espaço mais democrático.

O ESPORTE ENQUANTO FERRAMENTA INCLUSIVA DE INDIVÍDUOS REFUGIADOS

Quem são as pessoas consideradas refugiadas?

Refugiados são pessoas que precisaram deixar seus países; foram obrigados a sair, às vezes, fugindo de perseguições por questões de raça, religião, nacionalidade e outros fatores, em busca de refúgio e sobrevivência.

Como os refugiados sofrem marginalização na sociedade?

Ao saírem do país fugitivos e chegarem em outro, em que esperam serem bem recebidos, às vezes, são preconceitosamente encarados como alguém que oferece ameaça, suspeitos de doenças graves ou até sofrem preconceito por questões religiosas, étnicas, políticas, ideológicas ao chegarem a esse outro país. Em determinadas situações só restam a essas pessoas o acolhimento de “campos de refugiados”, que podem ser locais afastados dos centros.

Como o esporte facilita a inclusão dos refugiados?

Primeiro, debater sobre formas de incluir socialmente pessoas refugiadas pensando em maneiras de atenuar a situação de vulnerabilidade desse grupo e ter esse olhar sensível e atento ao tema já é um bom início. O esporte não atua de forma nem mais ou menos impor-

tante do que outras ações propulsoras da inclusão na sociedade. Na verdade, o esporte pode oferecer uma oportunidade para inclusão, podendo se apresentar como espaço acolhedor, produtivo, aliviando muitos dos problemas que os refugiados enfrentam, inclusive a violência. No caso do esporte, como também do vôlei, a capacidade técnica independe do país de origem da pessoa. Em uma equipe de vôlei esse ponto não é considerado; ali, o refugiado está como um outro jogador qualquer, todos vão se unir, independentemente das características, para vencer a partida.

É importante destacar que as habilidades físicas oriundas da cultura corporal são construídas ao longo da vida do indivíduo. Dessa forma, a diversidade técnica pode promover novas concepções sobre o fenômeno esportivo. Assim, quando temos a oportunidade de incorporar pessoas com características distintas, podemos ampliar tanto o espectro de concepção de inclusão como maiores variações técnico-táticas. No vôlei não seria diferente. Ter a oportunidade de incluir refugiados nas equipes significa oportunizar uma maior diversidade cultural, bem como, novas formas da prática da modalidade, considerando que o vôlei, por seu caráter coletivo e de maior dependência entre os jogadores, pode favorecer uma sensação de pertencimento. É muito comum ao final de cada ponto nas partidas as equipes se abraçarem. Como são muitos sets e muitos pontos o conagraçamento entre os jogadores acontece muitas vezes, podendo ampliar os laços afetivos.

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, por exemplo, existe uma equipe Olímpica de Refugiados formalizada, cuja primeira participação foi em 2016 nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Há uma distribuição desses atletas nos jogos de Tóquio em 12 modalidades. A mensagem que os atletas carregam é a de solidariedade, esperança e conscientização sobre os mais de 80 milhões de casos de pessoas impactadas por guerras, perseguição e deslocadas em todo mundo.

4 Ensinando a montar: atividades de vôlei utilizando materiais recicláveis, reutilizáveis e de baixo custo

4.1 A REDE E A BOLA DO VÔLEI

Materiais necessários para a construção da rede



GARRAFA PET



TESOURA

**BARBANTE****FITA ADESIVA OU CREPE**

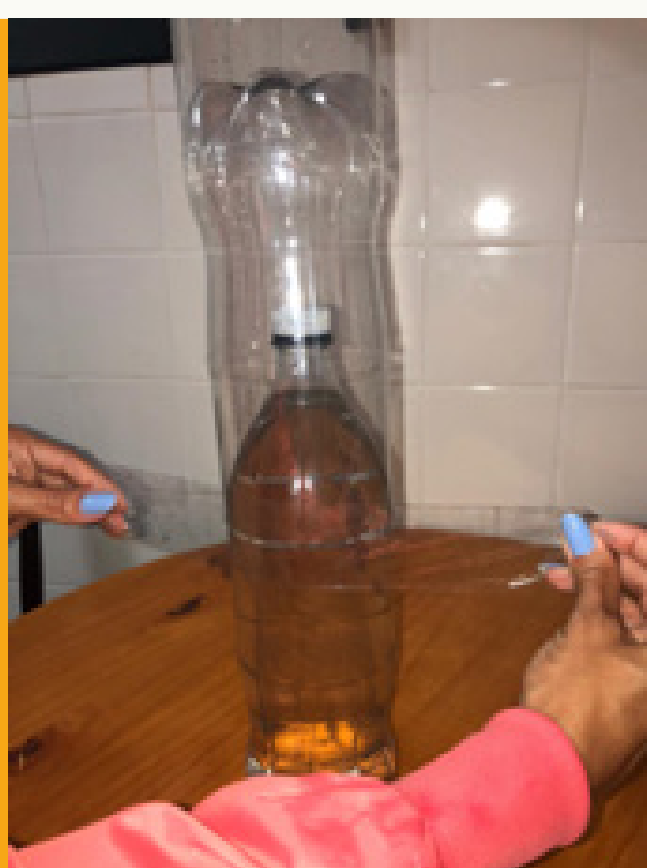
Construindo a rede



Primeiro, vamos construir o suporte para a colocação da rede. Para a base, encha duas garrafas PET com água, tampe-as e reserve-as.



Em seguida, pegue cerca de 20 garrafas PET (10 para cada suporte) e corte a parte superior (esta parte não será utilizada). O número de garrafas irá variar de acordo com a altura desejada da rede.



Encaixe as garrafas cortadas.



Suportes para a colocação da rede.



Para a rede, passe o barbante várias vezes entre os suportes, em diferentes alturas. A sua rede está pronta!

Alternativamente, você pode passar o barbante entre duas cadeiras caso não tenha o número suficiente de garrafas PET.

Materiais necessários para a construção da bola



GARRAFA PET



JORNAL

**TESOURA****FITA ADESIVA OU CREPE**

Construindo a bola



Corte o fundo de duas garrafas PET e una-os passando fita adesiva.



Em seguida, coloque-os no centro de folhas de jornal.



Enrole-os até formar uma bola.



Use fita adesiva para colar e modelar a bola.



A sua bola está pronta!

[CLIQUE AQUI E ASSISTA O VÍDEO](#)

4.2 ATIVIDADES

Atividade 1: **vivenciando o toque**

Lançar a bola para cima com as duas mãos e realizar o toque na direção de uma parede. O lançamento deverá ser feito na posição de pé e na posição sentada para a vivência do vôlei olímpico e do vôlei sentado. O toque também poderá ser feito em duplas, tendo como desafio não deixar a bola tocar o chão. Para aumentar o nível de dificuldade, sugere-se realizar o movimento com cada componente da dupla em lados opostos da rede.

Atividade 2: **vivenciando a manchete**

Lançar a bola para cima com as duas mãos e realizar a manchete na direção de uma parede. O movimento deverá ser feito na posição de pé e na posição sentada para a vivência do vôlei olímpico e do vôlei sentado. A manchete também poderá ser feita em duplas, tendo

como desafio não deixar a bola tocar o chão. Para aumentar o nível de dificuldade, sugere-se realizar o movimento com cada componente da dupla em lados opostos da rede.

Atividade 3: vivenciando o saque

- Lançar a bola para cima com uma das mãos e realizar o movimento do saque por cima com a outra mão.
- Segurar a bola com uma das mãos e realizar o movimento do saque de baixo para cima, com a outra mão aberta ou fechada.
- Realizar os dois tipos de saque na posição de pé e sentada.

Atividade 4: acerte o alvo

Organizar 10 garrafas PET ou latas de alumínio na posição dos pinos de boliche. O objetivo da atividade é derrubar as garrafas realizando os movimentos de toque ou manchete. Para aumentar o nível de dificuldade, sugere-se aumentar a distância entre as garrafas e o jogador.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. Rev. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, COB. Time Brasil. Atletas. Fofão. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/helia-rogerio-de-souza/> Acesso em: 27/04/2021.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. FOFÃO. Vôlei. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/helia-rogerio-de-souza/> Acesso em 27/05/2021.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. GIBA. Vôlei: Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/gilberto-amauri-de-godoy-filho/> Acesso em 20/05/2021.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. GIOVANE. Vôlei. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/giovane-farinazzo-gavio/> Acesso em: 19/04/2021.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. SHEILA CASTRO. Vôlei. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/sheilla-tavares-de-castro-blasioli/> Acesso em 27/05/2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEI, História. s/d. Disponível em: <http://institucional.cbv.com.br/historia>. Acesso em 24/04/2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE VOLEIBOL. Regras Oficiais de Voleibol 2017 – 2020. Aprovadas pelo 35º Congresso da FIVB de 2016. Disponível em: <https://cbv.com.br/pdf/regulamento/quadra/REGRAS-DE-QUADRA-2017-2020.pdf> Acesso em: 26/06/2021.

DARIDO, Suraya Cristina; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Organização curricular na Educação Física escolar: uma proposta de construção coletiva para o conteúdo voleibol. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, 2017.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE VOLEIBOL (FIVB). Disponível em: <https://www.fivb.com/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

GIOVANE GÁVIO. Disponível em: <https://giovanegavio.com/pt/inicial/>
Acesso em 28/05/2021

GRECO, Pedro Teixeira Pinos. Entre o direito ao esporte e a inclusão social: existem refugiados no meio do caminho. Revista digital do instituto dos advogados brasileiros - IAB, v. 01, p. 01-16, 2019.

MARQUES JUNHIOR, Nelson Kautzner. História do voleibol, parte 1. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2012.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. Um estudo com o conteúdo revisado e ampliado, Parte 2 EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 21, N° 215, Abril de 2016.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2012.

OLIVEIRA, Ana Amélia Neri. O esporte como instrumento de inclusão social: um estudo na Vila Olímpica do Conjunto Ceará. Fortaleza, 2007. 93 p.

SANCHES, Simone Meyer; RUBIO, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: Trabalhando valores e a resiliência. Educ. Pesqui. Dez 2011.

PLATAFORMA AGENDA 2030. A Integração dos ODS. Disponível em: http://www.agenda2030.com.br/os_ods/. Acesso em 17 de maio de 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi, 1938-. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997. 180 p.

TODAMETERIA. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/voleibol/> Acesso em: 14/04/2021.

MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. Esporte Paralímpico. São Paulo: Atheneu, 2012.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Vôlei sentado. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/faq> Acesso em: 02/03/2021.

COORDENADORES AUTORES:

Dra. Patrícia Vigário



Graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/2004), Mestrado em Saúde Coletiva, na área de concentração de Epidemiologia e Bioestatística (UFRJ/2007) e Doutorado e Pós-doutorado em Medicina (Endocrinologia) (UFRJ/ 2011; 2013). Atua como professora adjunta do Programa da Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Reabilitação (PPGCR) do Centro Universitário

Augusto Motta (UNISUAM) e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local (PPGDL) do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Atualmente é membro da Academia Paralímpica Brasileira (APB), da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Fisioterapia (ABRAPG) e da Sociedade Latino-Americana de Tiroide. É bolsista do Programa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ (2017). Atua principalmente nos seguintes temas: pessoa com deficiência, desporto adaptado, avaliação funcional, diabetes, educação inclusiva, inclusão social e sustentabilidade.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1263665448871342>

Dra. Bianca Gama Pena



CEO na Gama Assessoria Gestora e idealizadora do eMuseu do Esporte, gestora de Projetos na Diretoria de Inovação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-doutoranda em Propriedade Intelectual e Inovação na Academia de Propriedade Intelectual, Inovação e Desenvolvimento do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte – Programa de Pós-Graduação em Ciências

do Exercício e do Esporte - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(PPGCEE/UERJ), Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE/UERJ), Licenciatura Plena em Educação Física – Escola de Educação Física e Desportos - Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ), Pesquisadora do Grupo de Estudos Olímpicos da UERJ, membro do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, membro do Grupo de Estudos Olímpicos, Museologia e Propriedade Intelectual – UERJ.

Link do portfólio: <https://www.biancagamapena.com>

Link currículo Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2631251683978140>

Link do linkedin: <https://www.linkedin.com/in/bianca-gama-pena-b141a478>

Site do eMuseu do Esporte: www.emuseudoesporte.com.br

Dr. Silvio de Cassio Costa Telles



Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997) mestrado e doutorado em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho (2002-2008). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atua respectivamente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em

Ciências do Exercício e do Esporte, orientando nos cursos de mestrado e doutorado. Também exerce a função de técnico de polo aquático do Fluminense Football Club e de docente na Universidade Estácio de Sá no curso de Educação Física. É líder do Grupo de pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPEEsC) cadastrado junto ao CNPq.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9130913958427863>

PROFESSORES AUTORES:

Anna Carolina Carvalho de Souza



Especialista em Educação Básica com ênfase em Educação Física Escolar formada pelo Programa de Pós-graduação intitulado: Curso de Especialização Saberes e práticas na Educação Básica (CESPEB), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ). Licenciada em Educação Física no Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IEFD/UERJ). É professora

da disciplina Educação Física no Colégio Pedro II, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) na Área de Concentração Estudos da Motricidade Humana da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ) e cursa Bacharel em Educação Física no IEFD/UERJ. É membro-Estudante do Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPEEsC). As ênfases das suas pesquisas são em temas relacionados a: Área psicossociocultural e pedagógica da Educação Física.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8353402716233836>

João Marcelo Cortat



Licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ), bacharelado em Educação Física pela EEFD/UFRJ e Pós-graduação em psicomotricidade pela Universidade Candido Mendes.



ISBN 9786599571121



9 786599 571121 >